

**Desesperança, misoginia e sororidade em *O pomar das almas perdidas*,  
(2016) de Nadifa Mohamed**

Hopelessness, misogyny and sorority in *The Orchard of Lost Souls*, (2016) by Nadifa  
Mohamed

Lívia Carina Silva de Lima<sup>1</sup>

Elis Regina Fernandes Alves<sup>2</sup>

**RESUMO**

A sociedade patriarcal somali sempre relegou à mulher papéis de inferiorização em relação ao homem. Tal posição foi questionada por Siad Barre no seu governo ditatorial, de 1969 até 1991, que buscou dar igualdade de direitos entre os gêneros, modernizando a Somália. Porém, as mulheres continuaram subalternizadas, mesmo nos cargos políticos e militares. Diante disso, discutem-se aspectos como a desesperança, a misoginia, a violência e a independência feminina em meio ao conflito armado da ditadura militar na Somália em *O pomar das almas perdidas*, (2016), de Nadifa Mohamed, romance que dá protagonismo a três mulheres cujas vidas se entrecruzam. Como metodologia, este trabalho realiza pesquisa bibliográfica, qualitativa, discutindo autoras como Beauvoir (2009), Woolf (2019), Millett (1970), Showalter (2014), Gardner e Bushra (2004) entre outras, acerca dos movimentos feministas, da situação das mulheres na Somália e da crítica literária feminista, observando como a relação e os conflitos destas protagonistas representam a sociedade somali em termos de misoginia e exclusão da mulher. A pesquisa revela que as mulheres são as maiores vítimas numa guerra, visto que sociedades totalitárias são marcadas pelo sexismo, mas a união entre as três protagonistas simboliza a sororidade entre as mulheres, a melhor arma contra o patriarcado.

**Palavras-chave:** feminismo; feminismo negro, patriarcalismo, Somália, Nadifa Mohamed.

**ABSTRACT/ RESUMEN**

The Somali's patriarchal society had always set aside women to inferior roles, comparing to men. Siad Barre questioned this position during his dictatorial government, from 1969 to 1991, that tried to equalize the rights between the genders, modernizing Somalia. However, women were still subordinated, even in their political and military positions. Thereupon, we discuss aspects such as hopelessness, misogyny, violence and the women's independency in the midst of the armed conflict in the military dictatorship of Somalia in *The Orchard of Lost Souls* (2016), by Nadifa Mohamed, a novel that protagonizes three different women whose lives intercross. The methodology of this article was a qualitative bibliographic research, supported by authors as Beauvoir (2009), Woolf (2019), Millett (1970), Showalter (2014), Gardner and Bushra (2004), among others, about the feminists movements, the situation of Somali women and the literary feminist criticism, observing how the relationship and the conflicts of the protagonists represent the Somali society, according to misogyny and women's exclusion. The research reveals that women are the biggest victims in war, because dictatorial governments are predominantly sexist, but the union of the three protagonists women symbolizes the sisterhood among them, the best weapon against the patriarchy.

<sup>1</sup> Graduada em Letras- Português e inglês pela UFAM. E-mail: carinalivia8@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6627-3720>.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela UNESP-São José do Rio Preto. Docente do Curso de Letras- Língua Portuguesa e Língua Inglesa do IEAA/UFAM. Docente do PPGL-UFAM-Manaus. E-mail: [elisregi@ufam.edu.br](mailto:elisregi@ufam.edu.br). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2795-8062>.

**Keywords/Palabras clave:** feminism; black feminism, patriarchy, Somalia, Nadifa Mohamed.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De sociedade extremamente patriarcal em seu período colonial, a Somália pareceu querer mudar essa situação quando se deu o golpe militar perpetrado de Siad Barre, em 1969, que instaurou o que ele denominou de socialismo científico. Sua Lei da Família, de 1975, objetivava substituir a posição de passividade da mulher na sociedade somali, declarando a igualdade entre os gêneros no matrimônio, e tornou ilegal a discriminação por gênero. De viés socialista, Biarre utilizava-se de um discurso que pregava o fortalecimento feminino, o rompimento com os ideais em torno dos clãs e tribais, a busca por igualdade. Na prática, porém, a corrupta ditadura militar de Biarre pouco mudou sobre a realidade feminina no país.

A situação das mulheres na Somália durante o período de ditadura militar e a continuação da maioria das práticas discriminatórias no país ainda hoje, de acordo com Gardner e Bushra (2004), evidenciam a necessidade de discussões feministas em países tornado periféricos. Neste sentido, a crítica literária feminista atua com o intuito de se descortinar a estereotipação feminina em obras literárias, analisando papéis socialmente impostos às mulheres. A literatura, analisando a protagonização feminina, evidencia que tais papéis podem ser subvertidos, sendo a sororidade a melhor forma de isso se dar.

Esta pesquisa busca analisar as relações e os conflitos entre as três protagonistas no contexto de conflito armado da ditadura militar na Somália em *O pomar das almas perdidas*, (2016), de Nadifa Mohamed, em termos de desesperança, misoginia e sororidade. Como metodologia, este trabalho realiza pesquisa bibliográfica, qualitativa, discutindo autoras como Beauvoir (2009), Woolf (2019), Millett (1970), Showalter (2014), Gardner e Bushra (2004) entre outras, acerca dos movimentos feministas, da situação das mulheres na Somália e da crítica literária feminista, observando como a relação e os conflitos destas protagonistas representam a sociedade somali em termos de misoginia e exclusão da mulher. Busca-se, ainda, verificar como a obra instaura três mulheres como protagonistas numa sociedade patriarcal, e como elas figuram, metaforicamente, as mulheres no contexto da ditadura militar na Somália em termos de misoginia, violência e luta por sobrevivência, além de entender a necessidade de sororidade em meio à violência patriarcal que se fortalece no contexto de ditadura militar.

## O PAPEL DA MULHER DEFINIDO SOCIALMENTE AO LONGO DOS SÉCULOS

A história é resultado de um complexo processo de construção memorialística e ideológica submetida por um sistema patriarcal, afirmando o poder de hierarquia masculina nas relações de gênero. Historicamente, a condição feminina na sociedade sempre foi marcada pela exclusão e marginalidade, sendo que as mulheres eram confinadas ao lar e exerciam papéis como o de gerar filhos, obrigadas a casar e viver sob a tutela do marido ou de algum homem, tendo sempre o comportamento ditado e a aparência genuinamente bela e cândida, o que já evidencia que mulheres negras e periféricas não se encaixaram nem mesmo no conceito de mulher. (BEAUVOIR, 2009).

No século XIX, época em que capitalismo se fortalece, ocorreram os primeiros grandes movimentos feministas, quando mulheres começaram a contestar a contradição dos direitos legais e liberais consolidados na Revolução Francesa, pois tais direitos não contemplaram as mulheres. Foram os ideais “Liberdade, igualdade, fraternidade” que inspiraram as mulheres a refletirem sobre a sua condição dentro da sociedade. Mary Wollstonecraft escreve *Reivindicações dos Direitos da Mulher* no fim do século XVIII, considerado o documento fundador do feminismo, exigindo justiça pelas mulheres, uma vez que eram excluídas do papel de cidadãs. (BEAUVOIR, 2009). Mary Wollstonecraft tratou de suas próprias experiências que a fizeram sempre perceber as relações dominantes de gênero, vendo que sua educação destinada às mulheres não era voltada para nenhuma profissão, pois o sistema de educação criado por homens e para homens tinham o objetivo de transformar as mulheres no sexo frágil, descartando qualquer possibilidade de exercerem papéis sociais e políticos, porque “a força e a utilidade são sacrificadas à beleza” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p.25).

É importante frisar que as mulheres negras jamais tiveram a oportunidade de receber tal educação, pois mulheres escravizadas nunca ocupariam lugar de damas. Simone de Beauvoir em *O segundo Sexo*, de 1949, também denuncia as raízes culturais da desigualdade social que ajudam no entendimento da educação como uma arma de dominação masculina, que coloca o homem como superior, sendo totalmente associada ao estado absoluto de submissão ao qual as mulheres eram sujeitas. Explica então:

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu como um sujeito;

fechada em sua carne, sua casa, apreende-se como passiva em face desses deuses de figura humana que definem fins e valores. Nesse sentido há verdade no slogan que a condena a permanecer “uma eterna criança”; [...] isso significa que deviam aceitar, sem discussões verdades e leis que outros homens lhe propunham: o quinhão da mulher é a obediência e o respeito. [...]. (Beauvoir, 2009, p.671)

Dessa forma, se concretiza o pensamento de como a educação, criada por um homem e para ele, é responsável pela construção do conceito mítico do papel da mulher na sociedade, construção imaginária que deixa uma suposição de que faltavam às mulheres habilidades, conhecimento, capacidade de raciocínio lógico, integridade e força para transcender.

De acordo com o sociólogo Frances Pierre Bourdieu (1930-2002) em sua tese principal, mais conhecida como *habitus*, a dominação masculina está estritamente relacionada aos aspectos sociais e biológicos existentes entre os sexos feminino e masculino. Marcados historicamente por movimentos socioculturais, diferiram as formas de educar mulheres e homens e suas representações de funções dentro da sociedade, sendo as mulheres dissociadas dos espaços públicos e das esferas de poder. Nessa ordem cultural naturalizada, que a visão androcêntrica rege, Bourdieu explica que o resultado é a dominação masculina sobre o sexo feminino:

[...] de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* claramente diferenciados conforme o princípio dominante e capaz de perceber o mundo segundo este princípio (Bourdieu, 2012, p.33).

Com essa divisão sexual, as mulheres ficaram à margem das práticas sociais, culturais e políticas. A incorporação da dominação masculina se infiltrou no processo de educação das mulheres por meio de naturalização, tornando assim a educação feminina um dos mais pertinentes elementos de reprodução da desigualdade de gênero. Contra isso lutam os movimentos feministas, na tentativa de reverter séculos de uma educação patriarcal e excludente.

## A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

Em toda a história os homens criavam os padrões de conduta para as mulheres, o que se estendia à escrita, pois os homens escritores descreviam mulheres quase sempre estereotipadas. Diante dessa necessidade das mulheres se verem realmente representadas surge a necessidade de uma autoria feminina que fosse autônoma. O que chamamos de crítica literária feminista é

a transformação dessa condição subjugada da mulher no campo da escrita, rompendo esse espaço secundário que ela ocupa em relação ao homem.

No século XX, se destaca a produção literária e crítica de Virginia Woolf que mostra uma consciência social da situação da mulher na obra *Um teto todo seu* (1929). Virginia Woolf acreditava que “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção[.]” (2019, p. 10). A ideia de Woolf é uma metáfora, diz respeito, na verdade, à independência financeira. A tese central da autora é que se Shakespeare tivesse uma irmã incrivelmente talentosa que possuísse o mesmo dom da ficção, ela não teria espaço e nem tempo para produzir: “É impensável que qualquer mulher nos tempos de Shakespeare tivesse tido o dom de Shakespeare. Porque um gênio como o de Shakespeare não surgia entre pessoas trabalhadoras, sem educação formal, servis. Não nascia na Inglaterra entre os saxões e os bretões. Não surge hoje entre as classes trabalhadoras. (Woolf, 2019, p. 38).” Tal situação leva à questão: como o papel social destinado a cada sexo interfere no desenvolvimento de uma habilidade por vezes nata? Woolf escreveu uma série de ensaios, como este, acerca da escrita da mulher, o que a tornou uma grande precursora da crítica feminista.

Em 1949, a publicação de *O segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, trouxe reflexões ainda mais profundas para a crítica feminista. A obra parte do papel mítico da mulher, criado por autores nomeados, que posiciona a mulher sempre como um sujeito outro, espelho do homem. (Beauvoir, 2009). Beauvoir compreende a posição feminina como uma conquista, o que se evidencia em sua mais famosa frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. (Beauvoir, 2009, p. 312). A autora explica que parte da opressão feminina usa a desculpa de sua condição biológica, pois a partir do momento em que a mulher se torna mãe acontece a hierarquia de sexos. Como a mulher fica inabilitada pelas limitações físicas e responsabilidades com o bebê, não podia ir à caça ou praticar tarefas pesadas, no passado, e isso foi utilizado como argumento sobre sua suposta fragilidade, incapacidade e dependência. Assim, “a superioridade é dada àquele que mata, mas não àquele que dá à luz, pois o homem em sua “vocação de ser humano” não interfere no seu “destino de macho” (Beauvoir, 2009, p. 377).

Em 1970, Kate Millett associou feminismo e literatura, ajudando a nomear a crítica literária feminista. A sua obra *A política sexual* (1970) discute as relações de poder entre os sexos, bem como questiona a posição das mulheres nos romances de autoria masculina.

Utilizando obras de 1850 até 1950, ela analisa o modo como a literatura de autoria masculina retrata as personagens femininas, sendo elas representadas de duas formas: ou totalmente passiva, sendo elas indefesas e puras; ou de forma marginalizada, sendo prostitutas, bruxas etc. Dessa forma, denomina como política sexual a forma como o sexo dominante procura manter controle do sexo subordinado de todas as formas, penetrando-se na cultura, nos costumes etc. Kate Millett entende que essa política hierárquica afeta diretamente a literatura, uma vez que os valores literários têm sido moldados pelos homens.

Complementando o raciocínio de Kate Millett ao questionar o papel das personagens femininas, se tem Elaine Showalter, também nos anos 1970, questionando a escrita feminina. Showalter compreendia que a mulher sempre possuiu uma literatura própria, mas reconhece que não era uma literatura inata ao sexo biológico e que se construiu enquanto seu conhecimento sobre si em sociedade ainda se desenvolvia, fazendo surgir uma escrita, muitas vezes, de repetição das obras de autores masculinos. Através desses estudos, ela sistematizou a literatura de autoria feminina em três fases distintas: Fase feminina, fase feminista e fase fêmea.

Na fase feminina, Showalter analisa que mesmo com a liberdade para escrever, as mulheres ainda se submetiam aos padrões de estereótipos masculinos, refletindo-os em suas obras. Dessa forma, nas posições de escritoras “ao definir sua cultura literária em romance, simplesmente se apropriaram do gênero masculino” (Showalter, 2014, p13). A autora determina o tempo de duração dessa fase, aproximadamente, de 1840 a 1880, embora deixe claro que é impossível mencionar datas fixas para estas fases.

Buscando romper com essa apropriação dos modelos do gênero masculino se tem a segunda fase da literatura feminina, chamada de feminista. Nesta fase, as mulheres já estão a par de seus direitos, o que se reflete na autoria feminina, e as personagens não são estereotipadas. É uma fase de protesto, na qual as mulheres buscam questionar sua condição dentro da sociedade, defendendo os direitos e valores dessa minoria. Showalter determinou o período de duração dessa fase a partir da luta sufragista até sua conquista (1880 a 1920), o que se reflete claramente na escrita feminina neste momento, visto que as personagens aqui retratadas são mulheres que questionam sua posição dentro da sociedade, mulheres que possuem profissões e que participam ativamente da vida política.

A terceira fase é chamada de fêmea, marcada pela busca de identidade e pela autodescoberta, com personagens femininas mais livres e conscientes de si. Nessa fase, as mulheres não querem repetir os padrões criados por homens, mas também não querem ser radicalmente o oposto. Nesse momento a mulher está em busca de quem ela é no mundo. Essa fase, de acordo com Showalter, teve início no ano de 1920 até os dias atuais, embora apresente evoluções ao longo das décadas.

É importante frisar que essas não são classificações fixas, é possível em uma obra existir as três fases. Elaine Showalter apenas sistematizou uma ordem para que se pudesse compreender como a escrita feminina desenvolveu no tempo.

As discussões de Woolf, Beauvoir, Millett, Showalter e diversas outras teóricas do feminismo sobre a escrita de autoria feminina e a figuração de personagens femininas foram sistematizadas por volta dos anos 1970, recebendo o nome de “Crítica Literária Feminista”, e tem avançado desde então. Para acompanhar o estudo da mulher na sociedade e adentrarmos o tema central do nosso trabalho, analisaremos como era vista a mulher somali, essencialmente no século XX, período de ditadura militar.

## **A MULHER SOMALI E A DITADURA MILITAR**

Diante de todas as lutas e conquistas aqui vistas em busca da emancipação das mulheres ocidentais, nos deparamos com o papel da mulher africana que ainda se encontra em posição de maior marginalização, quando comparada à maioria das mulheres em países europeus ou nos Estados Unidos. Ainda, na maior parte das sociedades africanas, as mulheres são os seres mais submetidos à violência, à mortalidade materna, ao casamento e gravidez precoce, aos fundamentalismos religiosos e culturais, entre outros, como aponta Telo (2017).

Na Somália, país mais oriental do continente africano, a mulher vive num contexto de total machismo o qual impõe que o papel das mulheres ainda é ser mãe e do lar. Uma vez que este papel não é cumprido, são muito mais malvistas do que no contexto das mulheres ocidentais, isso porque o sistema patriarcal africano é muito mais enraizado. (Ingiriis e Hoehne, 2013). Sobre isso, Telo (2017) explica que a situação das mulheres, na maior parte dos países africanos, deve ser entendida sempre em relação a um passado comum do continente:

colonização, escravidão, guerras, libertação, e isso afeta, de maneira distinta, essa posição de maior dificuldade que os movimentos feministas enfrentam no continente africano.

Sobre a Somália, nos anos de 1960 se vivia o primeiro governo que poderia se chamar de democrático e revolucionário, o qual tratava, retoricamente, sobre a igualdade de gênero. Contudo, os direitos realmente alcançados pelas mulheres, que lhes deram um certo empoderamento, como espaço político, responsabilidade econômica, participação ativa nos conflitos armados foi a guerra civil e o colapso do estado. A queda do regime de Mohamed Siyad em janeiro de 1991, e a seguida reviravolta política causou profundos danos, mas que também proporcionou chances às mulheres de assumirem novos papéis. (Ingiriis e Hoehne, 2013). Obviamente que a guerra expôs as mulheres aos mais terríveis tipos de extorsão e abusos, uma vez que as milícias sempre começam o ataque pelos mais vulneráveis. Assim, além de suportar o peso da catástrofe que a guerra trazia, ainda eram vulneráveis à violência.

Ao ver a devastação que a guerra ocasionou em suas casas, muitas mulheres se voltaram para a reconstrução da paz e para o trabalho pacífico, porém, muitas mulheres, juntamente com seus parentes do sexo masculino, tomaram-se combatentes, lutando no conflito armado. A guerra afetou profundamente a situação socioeconômica do país, bem como as posições políticas da maioria dos indivíduos. No decorrer do tempo, muitos homens foram mortos ou mutilados, e logo vieram os casos de desempregos afetando primeiramente os homens, pois eram eles que davam o sustento da família. Esse contínuo fracasso numa guerra pensada por homens foi essencial para abrir um espaço para discutir sobre os direitos das mulheres e seus possíveis papéis na política, mas somente depois de 2000 as mulheres começaram a se posicionar e disputar com os homens seus lugares em sociedade. (Ingiriis e Hoehne, 2013).

O desenvolvimento da literatura Somali não se diferenciou tanto da ocidental, pois ainda que as mulheres fossem combatentes, os homens anulavam seu papel, rotulando-as como passivas e fracas. Apesar da conquista de espaço para desenvolver um papel social, as mulheres ainda têm de cuidar de seus filhos, do lar e do trabalho, pois a maioria dos homens somalis se recusam assumir este papel considerado feminino, dobrando o fardo das mulheres. O sistema político Somali ainda é regido pelo patriarcado e suas tradições, o que significa dizer que a posição das mulheres ainda é marcada pela marginalização e inferioridade.



## O ROMANCE *O POMAR DAS ALMAS PERDIDAS* SOB O VIÉS FEMINISTA

A escritora Nadifa Mohamed nascida em 1981 em Hargeisa, capital da Somália, se mudou para Londres aos 5 anos, em 1986, onde morou e cresceu após ser impedida de voltar à sua terra pois logo depois de sua saída a guerra eclodiu. Eleita uma das melhores escritoras britânicas pela revista Granta, também é exemplo de escritora de ficção literária a respeito de sua cultura. Segundo Oliveira (2019), em sua recente tese de doutorado sobre a escritora, *O pomar das almas perdidas*, não apenas conta, meramente, os momentos históricos que ocorreram de imediato após a emigração de sua família, mas revive uma luta humana, fazendo uma crítica sob o olhar de três mulheres que representam a condição da figura feminina dentro de uma sociedade patriarcal, sempre a mais afetada pela guerra.

O romance narra a história de três mulheres de diferentes posições dentro da Somália. Kawsar é uma senhora assombrada pela memória da filha que se suicidou depois de sofrer abusos sexuais brutais. Logo no início, Kawsar passa por um incidente, meio pelo qual conhece as outras personagens: Deqo e Filsan. Deqo é uma menina órfã que cresceu em um campo de refugiados. Kawsar corre para ajudar Deqo, sem conhecê-la, quando ela é espancada por errar uma coreografia de dança em homenagem ao governo ditatorial. Quem a espanca é a terceira personagem, Filsan, oficial da Segurança Interna encarregada de conduzir Kawsar até a delegacia e interrogá-la. A partir disso, o romance contará as histórias individuais destas três personagens para depois uni-las, novamente, no fim do romance.

### A PERSONAGEM FILSAN

Filsan é uma soldada do exército Somali determinada a provar sua capacidade e valor numa carreira dominada por homens. Criada por seu pai, também militar, sempre seguiu algum tipo de regime, talvez por isso era imersa numa vida melancólica, com confusões de identidade, se anulando para servir a algo que julgava uma causa maior. Inicialmente, Filsan lembra as personagens da fase feminina descritas por Elaine Showalter ao se questionar por não ter relacionamento amoroso com homens, sempre como uma visão de dever incompleto: “Não adianta nada depilar as axilas ou as partes íntimas porque não há ninguém para vê-las; só os seus próprios dedos correm pelas coxas.” (Mohamed, 2016, p.184). A autoria feminina de Nadifa Mohamed cria esse anseio numa personagem feminina do século XXI para mostrar que

as ideologias patriarcais tão presentes na escrita feminina do século XIX ainda podem ser verificadas em personagens contemporâneas.

No evento do Dia da Independência, Filsan conhece o general Haaruun, que a trata como um objeto a ser exibido e tenta violentá-la no percurso até sua casa. Filsan começa a gritar para que ele pare e é jogada para fora do carro. Em um de seus gritos de súplica, ela tentou usar a imagem do pai para que ele pudesse ouvi-la. “- Meu pai não gostaria disso.” (Mohamed, 2016, p.40). Esse momento diz muito, não somente sobre a obra, mas atitudes que mulheres tomaram em todos os tempos: o uso da figura masculina para impor respeito. Sua atitude em busca de respeito no momento do assédio pode ser explicada pela incorporação da dominação, como pensou Bourdieu (2012), pois depois de uma vida inteira ouvindo os discursos machistas ela os internalizou e reproduziu a ideia de que sozinha não conseguiria se proteger ou impor respeito.

Após esse episódio, acredita-se que seria um momento de mudança, no qual ela rejeitaria certos valores patriarcais, contudo, ela faz o contrário e oprime outra mulher. Após o ocorrido, ela corre em direção ao batalhão e lá é designada para interrogar uma mulher, a qual conheceremos depois por Kawsar. No interrogatório, a imagem do general a perturbava. Suas perguntas obtiveram respostas claras e imediatas, contudo, em uma delas Kawsar usou um tom de ironia, o que foi o motivo para Filsan conseguir descontar a raiva que estava sentindo.

Os golpes vêm um atrás do outro. O primeiro, na orelha, ressoa alto como uma onda contra uma rocha; depois na testa, no rosto, no pescoço. Por um momento eles para, mas depois de alguns instantes recomeça. Um turbilhão de sons e imagens a engolfa, até que um soco no peito a derruba da cadeira no chão de cimento. Caindo sobre o quadril, Kawsar ouve um estalo e então sente um rio de dor subir da barriga para a garganta, obstruindo-lhe a respiração. (Mohamed, 2016, p.47).

Filsan sempre foi ensinada a internalizar os valores patriarcais, e a agressão cometida contra Kawsar foi reflexo disso. A raiva que sentia era por não ter feito nada contra o general. Novamente, pode-se pensar em Filsan como muito similar às personagens descritas por Showalter na fase feminina, pois reproduzem os valores patriarcais, silenciando, sem coragem para denunciar ou reclamar de situações de opressão.

Esse momento faz com que ela comece a repensar sua condição dentro daquela sociedade e daquela profissão. “Mesmo estando de uniforme, os homens não veem nada além de peito e um buraco.” (Mohamed, 2016, p.38). Percebe-se que esse novo comportamento de Filsan a aproxima das personagens da fase feminista descritas por Showalter, mais críticas. Esse

pensamento de Filsan é despertado a partir do assédio sofrido, contudo, não foi o motivo da criação dessa concepção de relacionamentos envolvendo homens. Sua motivação provém da forma como foi criada após pagar o preço da separação de seus pais, tendo sua guarda dada a seu pai, que a impedia de ter contato com sua mãe.

Quando sua mãe decidiu se divorciar de seu pai, ele só aceitou com a condição de a guarda da filha ser dada a ele. Filsan cresce ao lado do pai que usou de alienação parental. Filsan cresce internalizando a ideia da “mãe desnaturada”, numa figuração clara de estereótipos negativos imputados às mulheres por sociedades patriarcais: “ “Refém dele”, era como a mãe sempre chamara. O pai de Filsan só dera o divórcio à mãe de Filsan com a condição de que ele deixasse Filsan para ele. Ela aceitou a condição, mas desde então a filha tornara seu Ogaden, seu pequeno pedaço de terra disputada. [...] (Mohamed, 2016, p. 225). Nota-se que a atitude do pai é a própria metáfora da relação das mulheres com os homens em sociedades patriarcais em que se evidencia a capacidade de manipulação do homem quando mulheres tomam atitudes autônomas. Por outro lado, Filsan culpa a mãe porque as mulheres são ensinadas que as mães devem amar e cuidar dos filhos incondicionalmente, diferente do pai. A mãe de Filsan, por vezes, figura uma personagem feminista, aos moldes de Showalter, que rompe regras patriarcais ao se divorciar e deixar a filha aos cuidados do ex-marido.

Depois de tantas situações desagradáveis causadas por homens em sua vida, Filsan começa a evoluir como uma mulher consciente de si. Isso se reflete na sua convivência com o capitão Yasin, com quem havia iniciado um relacionamento, exigindo que ele a trate como a soldada que é: “Não me insulte, [...] Levo meu trabalho mais a sério do que qualquer outra pessoa no departamento” (Mohamed, 2016, p. 221), e, por fim, ao finalmente perceber a injustiça do governo que apoiava, abandonou o seu cargo. Nesse momento, Filsan se aproxima das personagens da chamada fase fêmea, de Elaine Showalter, mais conscientes de si.

As complexidades de Filsan, sendo uma mulher que recebeu educação formal, mas que adere à violência, evidenciam a necessidade de autoafirmação e busca por identidade própria das mulheres. É através de Filsan que temos a linha tênue entre a vítima e o agressor, além de uma evolução da personagem no sentido de deixar de reproduzir valores patriarcais e passar a entender melhor seu lugar no mundo. Nadifa Mohamed mostra essa personagem nessa virada

de posição como mulher dentro de uma sociedade machista, numa representação do próprio avanço da figuração das personagens femininas na escrita de autoria feminina.

## A PERSONAGEM KAWSAR

Kawsar é uma mulher perto dos sessenta anos cuja vida é marcada por amarguras e desesperança, marcadamente após perder a filha e o marido. Kawsar era considerada esposa e mãe exemplar. A família morava em um bairro afastado do “subúrbio”, revelando terem boas condições financeiras. A relação de Kawsar com a filha Hodan evidenciava como ela vestia o papel de mãe, sempre protetora e cuidadosa: “Desde o minuto em que Hodan nascera, Kawsar aspirava seu cheiro como se fosse o ar que a mantinha viva.” (Mohamed, 2016, p. 158). Evidencia-se como Kawsar era satisfeita com o papel de mãe, fazendo com que Hodan sempre tivesse alguém por ela, assim cresceu ingênua, protegida, sem conseguir reagir com autonomia. Kawsar educa a filha como se espera em uma sociedade como a sua, reproduzindo a ideia de que filhas meninas precisam ser guardadas, protegidas e cuidadas, o que resulta, na maioria das vezes, em filhas passivas, indefesas, criando a dependência da figura masculina. Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir (2009) mostra a educação como uma arma de dominação masculina, pois essa educação criada por um homem e para ele faz com que mulheres reproduzam as ideias patriarcais na educação das filhas. Nota-se que Kawsar, nesse primeiro momento se assemelha às personagens da fase feminina de Elaine Showalter.

A filha de Kawsar havia sido apreendida em uma manifestação com alguns rebeldes e solta depois de três dias. Apesar de estar de volta em casa, Hodan nunca mais foi a mesma e seu comportamento conduzia à uma única conclusão acerca do que havia acontecido lá.

O primeiro sinal da doença de Hodan tinha sido a fala muda, como preces ditas em tom muito baixo. Então veio a limpeza obsessiva, as mãos esfregadas até que a pele começasse a empolar e descascar. Agora a menininha que fora desmamada com carne amaciada na boca da mãe parecia enjoada de seu toque [...]. Kawsar aceitava tudo, fingia não ver quando Hodan batia na própria testa com um punho furioso, como se ainda tentasse retirar pensamentos difíceis da cabeça. (Mohamed, 2016, p. 160).

Esses comportamentos levam o leitor a compreender o silenciamento como sintoma mais comum causado pelo abuso sexual. A limpeza obsessiva de Hodan seria causada pelo mesmo fator que ocorre com a mulher após o abuso sexual: o sentimento de nojo, de repulsa, de culpa consigo mesma e de se sentir suja. Esse acontecimento foi o momento em que tudo

mudou, as sequelas deixadas por um abuso sexual foram drásticas para Hodan, que foge: “Hodan só voltou noventa e dois dias depois. Não contou a Kawsar, nem a ninguém mais, onde tinha estado e o que tinha visto, mas duas semanas depois levou uma lata de gasolina e uma caixa de fósforo e se incendiou.” (Mohamed, 2016, p. 164). De toda forma, ainda que Hodan tentasse denunciar o estupro, seria muito provável não ter êxito, visto que a história ocorre em uma Somália violenta, totalmente machista e patriarcal.

Após a morte da filha, Kawsar passou a repudiar o governo e toda suas divisões militares e a questionar o governo e a condição das mulheres ali. Esse novo comportamento revela que já temos uma personagem que se assemelha às personagens feministas descritas por Elaine Showalter. No dia da comemoração pela independência, ela não tem medo de deixar transparecer sua rebeldia: “[..]. Ela cospe violentamente diante da visão, fazendo ofegar os espectadores que a cercam. (Mohamed, 2016, p.24). Kawsar não consegue mais sentir o medo ou conforto para silenciar-se, pois, agora ela sabe a consequência de sua passividade anterior.

Essa nova conduta leva Kawsar a cometer um ato de coragem quando seu olhar paralisa em uma garota sendo espancada pelas integrantes da guarda de bairro do regime, então corre até ela: “Kawsar sente alguma coisa que foi liberada dentro de si, algo que esteve contido – amor, raiva, até um senso de justiça, não sabe o que é, mas isso lhe esquentou o sangue. [..] (Mohamed, 2016, p. 25). Isso nos leva a questionar se a personagem teria tomado essa atitude antes, exercendo um papel de justiça e empatia pelas mulheres, ou se ela só passou a ver o caos do mundo por ter sido tirada de uma vida que lhe era favorável. O ato de sororidade de Kawsar deve ser causado por lembrar da impotência em não poder salvar sua filha, e sua atitude seria um momento de reparar um erro de seu passado. Isso evidencia que mulheres de condições estáveis, que internalizaram os valores patriarcais, incorporando a dominação, como pensou Bourdieu (2012), muitas vezes, só conseguem ter empatia e sororidade por outras mulheres quando percebem que seu mundo particular foi afetado e que situações de violência e injustiça podem afetar a todas as mulheres.

Kawsar liberta a garota, mas é detida pelas guardas e levada para ser interrogada por Filsan, que começa a desconfiar de que Kawsar esteja envolvida com os rebeldes, então a espanca. A tortura lhe custou a bacia quebrada, então passa toda a história debilitada, em casa. A casa de Kawsar possuía um pomar que era como um templo para ela. No passado era visto

com olhar positivo, toda sua simbologia de um lugar carregado de cores e frutífero lhe trazia paz. Ali vivera momentos com sua família, por isso fazia questão de sempre o cultivar. Após as tragédias de sua vida, apesar de continuar frequentando e cuidando, agora era por outra perspectiva.

Depois que Hodan morreu [...], ela se voltou maniacamente para o pomar, forçando vida em cada centímetro vazio dele [...] Plantou todas as flores que conseguia nomear e pegou muda de alguma das quais não conseguia. Seu pomar era um ponto de cor visível no céu; perfumava os ventos de jiilaal e mandava seu aroma de uma casa a outra [...]. (Mohamed, 2016, p. 151).

Percebe-se que, agora, o pomar é visto como um lugar no qual Kawsar tenta voltar ao passado. O esforço em manter aquelas flores vivas, “forçando vida em cada centímetro vazio” (Mohamed, 2016, p.151), estava ligado ao desejo de que sua filha estivesse viva. O próprio título da obra é muito simbólico, pois “O pomar das almas perdidas”, naquele momento, passa a referir-se não somente sobre um pomar de lembranças, mas a representação da população Somali trucidada pela guerra. O título também remete à futura vivência das três personagens, no momento de reencontro que, depois de sofrerem tantas violências e opressões sozinhas e perdidas, se encontram por força do acaso em meio à guerra e seguem juntas.

Já em casa, Kawsar se depara com uma menina chamada Nurto, encarregada de cuidar dela. Sua relação com a garota é conturbada, pois conviver com Nurto lhe lembrava conviver com sua filha, então trata-a com indiferença para não sentir que esteja substituindo sua filha. Kawsar faz questão de ter desavenças com a menina, mas é surpreendida com a personalidade forte da garota. “A menina parece uma cobra, muito rápida na ofensiva. Ela está certa sobre a própria situação, e Kawsar sente uma inveja ressentida por Nurto conseguir lutar tão ferozmente por si.” (Mohamed, 2016, p. 142). O comportamento de Kawsar não é por odiar Nurto, pelo contrário, ela odeia a sua vida atual. “Sua vida agora é isso, nada de pomar, nada de família, nada de movimento. Ela é apenas um estomago a ser enchido e costas a serem esfregadas, e essas brigas diárias com a empregada são uma das poucas coisas que a lembram que ainda está viva.” (Mohamed, 2016, p. 128). Em uma sociedade patriarcal, é dado às mulheres, desde crianças, o papel de mães e esposas por meio da naturalização, como pensou Bourdieu. Percebe-se que Kawsar, como uma mulher que tinha seus pilares baseados na maternidade e no casamento, não encontra mais sentido na vida quando perde o marido e a filha.

Passadas algumas semanas, os ataques da guerra eclodiram. “Uma explosão de disparos automáticos soa e Nurto se vira e cai no colchão, os joelhos pressionados contra o peito, a cabeça nos braços.” (Mohamed, 2016, p. 182). Sabia que não veria mais a menina depois da atitude que estaria prestes a tomar, mas queria ter certeza de que ela estaria segura, então encheu os bolsos da menina com rolos de dinheiro e pediu que ela fugisse o mais rápido possível. Sabia da capacidade da garota de cuidar de si sozinha, e apesar da sua separação, sentia gratidão por aquela menina a ter lembrado de estar viva.

De modo geral, percebe-se a transformação da personagem que, inicialmente, não se interessava por enxergar a sociedade violenta e machista em que vivia, contudo, ainda que por motivos árduos, muda como mulher, em relação à empatia, e passa a enxergar a situação de outras mulheres. Seus atos de sororidade fazem-na se aproximar de outras mulheres que lhe mostram o mundo como ele realmente era, dos problemas importantes para os quais ela não fazia questão de saber, mas agora arriscava tudo para defender.

## **A PERSONAGEM DEQO**

Deqo é uma menina de nove anos que sempre viveu no campo de refugiados em Saba’ad. A partir de Deqo, chegamos na parte marginalizada da cidade e tem-se o relato de experiência da violência do ponto de vista de quem ainda não a compreende. O motivo que trouxe Deqo até Hargeisa foi a apresentação de dança no evento do governo em homenagem à independência. A princípio, está acompanhada de seus responsáveis do abrigo, mas o início de sua experiência na cidade vai ocorrer depois de errar a coreografia de sua apresentação e ser retirada de lá à força pelo seu professor e ser espancada pelas guardas. As mulheres só param com a intervenção de Kawsar, ocasião que ajudou Deqo a fugir. Os problemas de Deqo estão todos atrelados à sua subsistência. Na rua, se deparou com alguns garotos chamando-a de puta. “Putá”, palavra que Deqo ouviu a vida inteira.

“Filha da puta, Filha da puta, Filha da puta!” era o que as outras crianças do campo lhe gritavam, pelo tempo que ela consegue se lembrar, mas não sabia o que era uma puta; parecia algo ruim, como um canibal, uma bruxa ou um jiinn, mas nenhum adulto descrevia o que tornava uma puta puta. (Mohamed, 2016, p. 67)

Deqo nunca soube de onde veio, diziam que ela era filha do pecado, a bastarda de uma mulher perdida. Novamente há comentários depreciativos, mas sempre referentes à mãe,

reproduzindo a ideia de que a mulher sempre é a culpada por decidir não assumir a maternidade, mas nunca há questionamentos acerca do homem que engravidou uma mulher, mas decidiu não ser pai. Passadas algumas semanas em que Deqo está trabalhando no mercado, ela é abordada por uma mulher que lhe oferece alguns xelins para entregar uma encomenda para uma moça em um bairro distante. Deqo aceita, levando o leitor ao lado marginalizado da cidade.

A área para qual a mulher aponta é uma parte da cidade em que Deqo sentiu medo de se aventurar antes. As mulheres do mercado se referem ao lugar como um tipo de inferno em que vivem almas vivas; pessoas que deixaram para trás qualquer resquício de bondade se congregam em duas cabanas – bêbados, ladrões e mulheres sujas. Este lado da cidade parece ter sido abandonado, deixado afundar, decair e apodrecer; ela imagina por que alguém ficaria ali se tem toda Hargeisa para escolher. (Mohamed, 2016, p. 73 – 74)

Apesar de compreender que a casa para a qual estava indo carregava uma péssima reputação das mulheres, percebe-se a inocência da menina acerca dos problemas de divisão social, o que a leva a questionar o porquê dessas pessoas “escolherem” essa vida. Ali, conheceu Nasra, também moradora da residência, que lhe oferece emprego e moradia, mas Deqo se intriga com a proposta e pergunta o motivo daquela mulher querer ajudá-la e ouve: “Porque eu já fui não muito diferente de você: sozinha, faminta, sem ninguém que cuidasse de mim. [...] Sei como é ser uma garota nas ruas.” (Mohamed, 2016, p. 80). Sua fala revela que os motivos que a fizeram entrar no ramo eram por falta de oportunidade, marginalizada desde criança.

Na sua primeira noite na casa, vê homens entrando e saindo, brigando com as mulheres. Através de Deqo, se tem a descrição turbulenta do dia a dia daquelas mulheres. Ao faxinar o quarto de uma das moradoras, no dia seguinte, a mulher lhe pergunta se ela está vendendo, e quando Deqo não entende, a mulher aponta para suas partes íntimas. “Imagina Karl Marx fazendo o que os cachorros vira-latas fazem quando montam um no outro e fica enjoada. É isso que faz uma puta, ela se dá conta, seus olhos arregalam” (Mohamed, 2016, p.85).

Nasra parecia proteger e cuidar de Deqo. Prometeu levá-la para ver o mar e conhecer sua família, e aquilo fazia Deqo feliz e entusiasmada. “- Você tem que me dizer se precisa de alguma coisa. Quero você gorda e feliz” (Mohamed, 2016, p. 87). A alimentação da menina começou a ficar bem mais farta, o que fazia seu corpo crescer e ganhar curvas. Era claro o que estava acontecendo, mas Deqo era ingênua demais para perceber. Certo dia, Nasra revelou sobre como sua vida era frustrada para Deqo e que faria qualquer coisa para sair dali. Contou as



consequências que sofreu por ter entrado nessa vida cedo demais e como se sentia uma pessoa ruim. O tom da conversa não parecia um desabafo, mas sim uma culpa adiantada. Percebe-se como essa sociedade machista consegue levar as mulheres a situações em que são jogadas umas contra às outras, explorando-as por necessidade. Essa falta de opção que resulta em atitudes extremas elimina qualquer pretensão de sororidade ou de ajuda uma à outra.

Um dia, Deqo chega do mercado e encontra algumas malas na cozinha. “Pequena, eu tenho que passar algum tempo fora. [...] Mustafá está aqui para cuidar de você. Você tem de fazer o que ele disser, certo?” (Mohamed, 2016, p. 108). A menina reconhece o homem, que estava a analisá-la dias antes e que tratou de negócios com Nasra, mas mesmo juntando todas essas informações, não se deu conta do que a mulher havia acabado de fazer, assim ela apenas chora pedindo que Nasra não a deixe. Novamente há a retratação de como a sociedade machista joga as mulheres umas contra as outras, pois Nasra deixou claro em sua conversa com Deqo as consequências de ter entrado cedo nessa vida de prostituição, mas ela não tinha opções.

Nesta obra, Nadifa Mohamed faz uma subversão ao que Kate Millett observou sobre a representação feminina quase sempre estereotipada na escrita masculina, trazendo as razões pelas quais essas mulheres são marginalizadas. Em uma autoria masculina, essas mulheres seriam retratadas de forma pejorativa, sendo sempre putas, impuras ou bruxas, mas aqui temos uma autoria feminina de uma mulher negra que também retrata as mulheres de forma marginalizada, contudo a autora expõe essa situação degradante em que elas se encontram como um condicionamento de uma sociedade patriarcal totalmente machista, a qual conduz muitas mulheres que não tem as mesmas oportunidades de uma elite à essa vida e não permite que essas saiam. Os próprios relatos de Nasra sobre sua infância ou até mesmo seu choro por ter que fazer algo perverso com a garota, mesmo gostando dela, revelam como esse condicionamento as conduzem a decisões extremas.

Deqo foge e na rua se depara com uma cidade bombardeada, parando em uma casa no qual havia um pomar, onde avistou Kawsar. Kawsar estava sozinha e à beira da morte após a explosão de uma granada que a fez ficar submersa em poeira e alguns destroços. As duas começam a se conhecer melhor e Kawsar se compadece da criança, oferecendo um banho à menina e penteando seus cabelos. “Descansando a mão nas costas negras e sinuosas de Deqo, ela sente o calor da alma da menina através do óleo na palma da mão, suave e viva como um

ovo” (Mohamed, 2016, p. 276). A cena transcende para uma sinestesia, bem como a ironia de duas pessoas trançando o cabelo, exalando paz em meio a uma guerra. O contraste entre Deqo, sendo marginalizada nas ruas, e agora, com o acolhimento de Kawsar, sentindo proteção e zelo, evidencia como, quase sempre, somente as mulheres ajudam umas às outras em sociedades patriarcais. Deqo deseja, agora, poder cuidar da mulher. “-Quero levar você para Saba’ad comigo. [...] ficaremos seguras lá, todo mundo vai pensar que a senhora é minha avó [...]” (Mohamed, 2016, p. 281). O ato de sororidade da menina se dá pela gratidão e pelo desejo de ter uma família.

Do outro lado da cidade, uma reviravolta na vida de Filsan ocorre depois que é mandada para uma missão com o capitão Yasin e eles são atacados por muitos rebeldes. O Capitão Yasin é morto na sua frente, e ela também sofre ferimentos graves. Logo chegam reforços e Filsan é levada para a ala médica do quartel. Horrorizada com as situações de injustiça dentro do hospital, decide fugir, deserdar, sendo perseguida por dois soldados, mas é salva por Deqo, que a esconde dentro de casa. Este é o momento de reencontro das três personagens, visto que a menina Deqo, outrora espancada por ela, é quem agora lhe oferece ajuda e abrigo. Porém, Kawsar, também espancada por Filsan, a reconhece: “Então Filsan aparece: esquelética, desgrenhada, humilhada, mas inconfundível. [...] – Você veio terminar a tarefa? Olhe o que fez comigo” (Mohamed, 2016, p. 284). Filsan se lembra exatamente do que a mulher está falando e sente-se envergonhada. Deqo implora que Kawsar deixe a mulher ficar, e então as três montam um plano para fugirem rumo a Saba’ad.

Evidencia-se a mudança de Kawsar, tornando-se melhor como mulher, pois Kawsar tem todos os motivos para expulsar Filsan, mas ela rompe com a ideologia patriarcal de violência contra as mulheres. Da mesma forma, se tem a sororidade por parte de Deqo, pois diferentemente do que sofrera com Nasra, que a entrega para a prostituição e a violência, ela não repete o comportamento, ainda que também tenha sido alvo de Filsan antes. Deqo não perpetua a dominação, a violência, o patriarcalismo.

Elas fogem no meio da noite, Deqo abre caminho, Filsan empurra Kawsar em um carrinho de mão. Deqo consegue um carro que está levando refugiados pela estrada e ao informar os dados das três, diz que são sua mãe e avó: “Deqo estava de volta ao mundo que lhe é familiar: a guerra e todo o tempo passado em Hargeisa foram apenas uma tentativa complicada

de alcançar o que sempre quis: uma família, por mais improvável que fosse” (Mohamed, 2016, p. 293). A história finaliza com esse momento totalmente simbólico no qual as mulheres se ajudam e criam laços familiares femininos. Deqo procurava uma mãe e avó; Filsan sentia falta de laços maternos; Kawsar sentia falta da filha, as três se completaram, mesmo em meio às tantas tentativas dessa sociedade violenta de jogar as mulheres umas contra as outras.

As personagens Filsan e Kawsar são representadas transitando entre as fases da escrita feminina de acordo com Showalter, contudo, só cruzam essas fases por circunstâncias indesejadas, no momento exato em que são retiradas de sua zona de conforto e se deparam com a realidade social impactante e cruel em que vivem. Por outro lado, é irônico pensar que a pessoa mais desprovida de amparo, Deqo, foi quem amparou as duas mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as relações e os conflitos entre as três personagens principais do romance *O pomar das almas perdidas*, de Nadifa Mohamed, no contexto de conflito armado da ditadura militar na Somália em termos de misoginia, desesperança e sororidade. Observou-se como, independente de classe, raça e idade, a mulher sempre é marginalizada dentro de um sistema patriarcal. É o caso de Filsan, que mesmo ocupando um espaço de autoridade, não tinha respeito; ou como Kawsar, que era uma senhora de classe média alta, ou seja, despojava de privilégios na sociedade, e até mesmo Deqo, que era apenas uma criança, mas já se via empurrada para a prostituição. Nadifa Mohamed faz uma subversão ao que explicou Kate Millett, sobre a protagonização de mulheres em romances de autoria masculina, ou seja, aqui temos uma autoria feminina de uma mulher negra que retrata personagens marginalizadas, porém, diferentemente da autoria masculina, explica essa situação degradante como um condicionamento de uma sociedade patriarcal totalmente machista.

Analisou-se como a construção dessas personagens fez lembrar as personagens das fases da escrita feminina descritas por Elaine Showalter, permitindo ao leitor compreender que os comportamentos de cada personagem eram reflexos do meio em que cada uma estava inserida. Ao fazer essa análise, percebemos também que essa autoria feminina do século XXI revela como as figurações das personagens descritas por Showalter do século XIX ainda são muito presentes nas personagens contemporâneas, já que as mulheres continuam sofrendo

imposições sobre seu comportamento e internalizam isso, como se evidencia em muitas ficções literárias modernas e contemporâneas.

Dessa forma, evidenciou-se a crítica dessa obra de autoria feminina ao protagonizar mulheres numa história que se trata de uma guerra comandada por um sistema patriarcal, dando voz a essas mulheres subalternizadas e denunciar as violências sofridas constantemente. Paralelamente, essa análise revela como as três personagens avançam como mulheres, saindo de situações de interiorização, passividade e violência para a autoconsciência, o entendimento de si no mundo, como mulheres, e, principalmente no fim do romance, para a sororidade, o apoio mútuo, a consciência de que mulheres precisam ajudar mulheres em sociedades machistas, violentas, patriarcais.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2 volumes.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GARDNER, Judith; BUSHRA, Judy El. **Somalia: the Untold Story. The War Through the Eyes of Somali Women**. 2004. London: Pluto, 2004.

INGIRIIS, Mohamed H.; HOEHNE, Markus V. The impact of civil war and state collapse on the roles of Somali women: a blessing in disguise. **Journal of Eastern African Studies**, 7:2, 2013. p. 314-333. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/236784397\\_The\\_impact\\_of\\_civil\\_war\\_and\\_state\\_collapse\\_on\\_the\\_roles\\_of\\_Somali\\_women\\_A\\_blessing\\_in\\_disguise](https://www.researchgate.net/publication/236784397_The_impact_of_civil_war_and_state_collapse_on_the_roles_of_Somali_women_A_blessing_in_disguise). Acesso 10 jun. 2022.

MILLET, Kate. **Política Sexual**. Trad. por Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

MOHAMED, Nadifa. **O pomar das almas perdidas**. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Tordesilhas, 2016.

OLIVEIRA, Valeria Silva de. **Narrativas da diversidade africana: fragmentos, memória e resistência em Black Mamba Boy e The Orchard of Lost Souls, de Nadifa Mohamed e A Grain of Wheat, de Ngugi wa Thiong'o**. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. Rio de Janeiro, 2019. 299fls. Disponível em:

<https://www.btd.uerj.br:8443/bitstream/1/5987/1/Valeria%20Silva%20de%20Oliveira%20-%20Tese.pdf>. Acesso 10 jun. 2022.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of Their Own**. London: Virago Press, 2014.

TELO, Florita Cuhanga António. O pensamento Feminista africano e a carta dos princípios feministas para as feministas africanas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th**. Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. p. 1-12. Disponível em:

[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498445384\\_ARQUIVO\\_ArtigoCompleto\\_Florita.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498445384_ARQUIVO_ArtigoCompleto_Florita.pdf). Acesso 10 jun. 2022.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad, Vera Ribeiro; prefácio Ana Maria Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

*Submetido em:* 20 de setembro de 2023

*Aprovado em:* 20 de outubro de 2023

*Publicado em:* 01 de novembro de 2023.

#### **Autoria:**

Autor 1:

Nome: Livia Carina Silva de Lima

Graduada em Letras-Inglês e Português, pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM, Campus Humaitá (2023). Integrante do grupo de pesquisa "Grupo de Estudos em Feminismo na Literatura".

Instituição: UFAM-IEAA

E-mail: carinalivia8@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6627-3720>

País: Brasil

Autor 2:

Nome: Elis Regina Fernandes Alves

Doutora em letras pela UNESP-Universidade Estadual Paulista (2018). Docente do curso de Letras- Português e Inglês da UFAM-IEAA desde 2009. Líder do grupo

Instituição: UFAM

E-mail: elisregi@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2795-8062>.

País: Brasil